

QUESTÃO 83

Na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, o que dizer dos doentes, eternos moribundos a vagar entre delírios febris, doses de quinino e corredores da morte? O Hospital da Candelária era santuário e túmulo, monumento ao progresso científico e preâmbulo da escuridão. Foi ali, com suas instalações moderníssimas, que médicos e sanitaristas dirigiram seu combate aos males tropicais. As maiores vítimas, contudo, permaneceriam na sombra à margem do palco, cobaias sem consolo, credores sem nome de uma sociedade que não lhes concedera tempo algum para ser decifrada.

FOOT HARDMAN, F. *Trem fantasma: modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988 (adaptado).

No texto, há uma crítica ao modo de ocupação do espaço amazônico pautada na

- A** discrepância entre engenharia ambiental e equilíbrio da fauna.
- B** incoerência entre maquinaria estrangeira e controle da floresta.
- C** incompatibilidade entre investimento estatal e proteção aos nativos.
- D** competição entre farmacologia internacional e produtos da fitoterapia.
- E** contradição entre desenvolvimento nacional e respeito aos trabalhadores.

Assunto: História do Brasil / Primeira República

A construção da estrada de Ferro Madeira-Mamoré, inaugurada em 1º de agosto de 1912, fazia parte do Tratado de Petrópolis selado com a Bolívia, em 1903, após a compra de território do Acre, que pertencia à Bolívia, pelo Brasil.

Na teoria, tal empreitada, deveria promover desenvolvimento econômico e ocupação da região que tinha baixa densidade demográfica. No entanto, como diz o texto-base da questão, o que houve foi um desprezo pela vida dos trabalhadores, acidentes de trabalho e doenças tropicais que dizimaram os operários da construção ferroviária. Nesse cenário, o que importava para o Estado brasileiro e para os donos de seringais era o lucro advindo da borracha.

Item: E